



FERROVIA E FUTEBOL: A RELAÇÃO ENTRE A COMPANHIA PAULISTA E O RIO CLARO FUTEBOL CLUBE

Marco Antonio Bettine de Almeida*
Universidade de São Paulo - USP
marcobettine@gmail.com

Renan Vidal Mina**
Universidade de São Paulo - USP
rvidalmina@gmail.com

RESUMO: O artigo em questão focaliza a influência da ferrovia na difusão socioespacial do futebol em Rio Claro em um período histórico delimitado, que se estende do final do século XIX até a primeira metade do século XX. Dentre os referenciais teóricos do período pode-se citar o ano de 1892, o qual corresponde ao estabelecimento das oficinas da Companhia Paulista em Rio Claro; o ano de 1909, que oficializa a fundação do Rio Claro Futebol Clube; e o ano de 1948, o qual formaliza o ingresso do referido clube no profissionalismo. Portanto, objetivou-se compreender: a influência da Companhia Paulista desde a formação até a profissionalização do Rio Claro Futebol Clube; os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos mais amplos que se encontram envolvidos neste processo; e a lógica elitista que esteve presente como plano de fundo na origem desta agremiação.

PALAVRAS-CHAVE: Ferrovia - Futebol - Rio Claro Futebol Clube

RAILROAD AND SOCCER: THE RELATIONSHIP BETWEEN THE COMPANHIA PAULISTA AND RIO CLARO FUTEBOL CLUBE

ABSTRACT: This article in question focuses on the influence of the railroad in socio-spatial diffusion of soccer in Rio Claro in a defined historical period, extending from the end of 19th century to the first half

* Possui doutorado em Sociologia do Lazer pela Unicamp, pós-doutorado em Sociologia do Esporte pela Universidade do Porto e atualmente é Professor Associado da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

** Mestrando em Mudança Social e Participação Política na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Membro do LUDENS (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas) e PISE (Pesquisas Interdisciplinares em Sociologia do Esporte).

of the 20th century. Among the theoretical frameworks of the period can cite the year 1892, which corresponds to the establishment of the workshops of the Companhia Paulista in Rio Claro; the year 1909, making official the foundation of the Rio Claro Football Club; and the year 1948, which formalizes the entrance of the club in the professionalism. Therefore, this study aimed to understand: the influence of Companhia Paulista from the formation to the professionalization of Rio Claro Futebol Clube; the social, cultural, political and economic broader aspects that are involved in this process; and the elitist logic that was present as the background at the origin of this club.

KEYWORDS: Railroad - Soccer - Rio Claro Futebol Clube

Uma vasta literatura aponta que o futebol chegou ao Brasil em meados de 1894 através de Charles Miller, um paulista descendente de escoceses pelo lado paterno e de ingleses pelo lado materno, que após passar um período de estudos na Inglaterra, regressou a São Paulo trazendo duas bolas de futebol e um livro de regras referente a este esporte tão em voga nas ilhas britânicas.

Charles ensinou os fundamentos do futebol para os jovens de famílias abastadas e estes disputaram o primeiro *match* em um terreno baldio na várzea do Carmo. Posteriormente, realizaram novos jogos em campos mais nobres, como no gramado da chácara da família britânica Dooley, no bairro do Bom Retiro, e assim a elite paulistana foi delineando a formação dos primeiros times de futebol.¹

Diante desse quadro, a cidade de Rio Claro, situada na região Centro-Leste do Estado de São Paulo e a 173 km da capital paulista, inspirada pela magnitude que o futebol adquiria na metrópole, já se deparava com o desenvolvimento da prática futebolística no início do século XX. Em 1909, através da iniciativa de quatro membros da elite rioclarense, tem-se a origem da agremiação que constitui o foco deste artigo, o Rio Claro Futebol Clube, que veio a ser anos depois o primeiro clube local a adentrar no profissionalismo e atualmente representa o terceiro clube mais antigo em atividade no futebol profissional do Estado de São Paulo.

Nesse sentido, ao analisar o processo histórico de formação da cidade de Rio Claro, nota-se que esta foi influenciada pelos processos de industrialização e modernização que emergiram em São Paulo na segunda metade do século XIX. Parte dos imigrantes europeus (dentre eles os ingleses) que desembarcava no Brasil optava pela permanência na metrópole paulista, fosse para investir ou trabalhar no ramo ferroviário ou em atividades urbano-industriais. No entanto, à medida que o complexo

¹ MÁXIMO, J. Memórias do futebol brasileiro. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 13, n. 37, set./dez. 1999.

cafeeiro gerava mais lucro, estabeleciam-se novos investimentos visando à ampliação das linhas férreas e intensificava-se a expansão da *commodity* no Oeste Paulista. Logo, a cidade de Rio Claro se beneficiou e passou a atrair um volume maior de imigrantes ao consolidar sua centralidade na rede ferroviária do Estado.²

Consequentemente, o plano cultural de São Paulo e de outras cidades que concentraram imigrantes e descendentes, foi impactado. Nos momentos de lazer, esses agentes reproduziam ao ar livre algumas práticas socioculturais que até então estavam em maior evidência na Europa, como o futebol, por exemplo. Estando visível à comunidade local, essa modalidade esportiva foi assimilada aos poucos pelos “nativos”,³ fato este que como buscamos demonstrar, não foi diferente em Rio Claro.

O procedimento metodológico deste trabalho pautou-se pela interpretação de documentos e de literatura temática que se enquadram nos seguintes tópicos: “ferrovia”, “Companhia Paulista”, “cafeicultura”, “imigração”, “urbanização”, “industrialização”, “paternalismo”, “São Paulo”, “futebol”, “Rio Claro” e “Rio Claro Futebol Clube”. Como plataforma de busca de dados, foram consultadas as bibliotecas da USP (campus São Paulo) e UNESP (campus Rio Claro), o Arquivo Público e Histórico “Oscar de Arruda Penteadó” e o acervo do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista, ambos situados em Rio Claro.

Diante disso, considera-se importante frisar que a industrialização é entendida aqui como um processo que se apoia na crescente racionalização e inovação tecnológica, sendo capaz de produzir em larga escala e atingir um mercado consumidor cada vez mais amplo. O paternalismo corresponde a uma forma de organização da empresa, onde esta busca criar mecanismos que transmitam aos seus funcionários uma sensação de bem-estar social, visando reduzir os conflitos de interesses entre patrões e empregados. Por sua vez, a urbanização é encarada como um processo resultante dos movimentos de reprodução e distribuição das atividades produtivas e da população, que se mantém em disputa pelo espaço sob a ótica do capitalismo. Já a ferrovia é um elemento integrante deste processo de produção industrial, sendo importante não só para o escoamento das matérias primas e produtos industrializados, mas também por levar ao

² ODALIA, N.; CALDEIRA, J. R. C. **História do Estado de São Paulo/A formação da unidade paulista**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

³ MASCARENHAS, G. **Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

interior do Estado de São Paulo, aspectos de uma cultura urbana que se estruturou inicialmente na capital do Estado, incluindo o futebol. Por fim, compreendemos o futebol como uma modalidade singular do universo esportivo, criado dentro de uma conjuntura de racionalização das condutas e sistematização das regras, com a finalidade de possibilitar que a modalidade fosse praticada em qualquer lugar além de sua origem primeira.

Justifica-se ainda o período escolhido para análise, pois este representa uma fase de grandes transformações e de acirramento de tensões, conflitos e contradições no Brasil, abarcando desde a época de um país agrícola e mestiço, passando pela República Velha e chegando até a etapa populista, encerrada em meados da década de 1940. Deste modo, a presente exposição foi organizada em quatro segmentos. No primeiro, retrata-se o processo de formação e desenvolvimento da cidade de Rio Claro, impactada pela industrialização de São Paulo e pela chegada dos trilhos e oficinas da Companhia Paulista à localidade. No segundo segmento, aborda-se a introdução da modalidade futebolística em São Paulo a partir da concentração de investimentos ingleses na metrópole, gerando assim, o “embate” entre o futebol praticado pela elite e o futebol praticado pelos operários. Já o terceiro, refere-se à utilização do futebol por parte dos industriais da Companhia Paulista como instrumento de controle sobre os trabalhadores da empresa, buscando conter as inquietações e a aproximação destes com os movimentos operários. E o último segmento, remete a origem elitista do Rio Claro Futebol Clube, sua relação com a Companhia Paulista e o caminho percorrido pelo clube até alcançar o profissionalismo, permeado por tensões e transformações vivenciadas no contexto mais abrangente da política nacional.

Assim, este texto tem os seguintes objetivos: analisar a influência da Companhia Paulista de Estradas de Ferro desde a formação até a profissionalização do Rio Claro Futebol Clube; apontar os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos mais amplos que estão envolvidos neste processo; e identificar a lógica elitista que esteve presente como plano de fundo na origem desta agremiação.

CAFÉ, IMIGRAÇÃO E AS OFICINAS DA COMPANHIA PAULISTA EM RIO CLARO-SP

As origens da cidade de Rio Claro associam-se ao processo de mineração desencadeado no interior do Brasil durante o século XVIII, cujos aventureiros deixavam

a província de São Paulo e seguiam em direção às minas de Mato Grosso e Goiás. Para suprir as necessidades desses viajantes, estabeleceram-se pelo caminho diversos pousos com a finalidade de abastecer as tropas. Dentre eles, constituiu-se um pequeno núcleo com número reduzido de habitantes que ficou conhecido como São João do Rio Claro. Aos poucos, a ocupação de terras foi se efetivando com os primeiros negociantes e sesmeiros, que priorizaram o estabelecimento de propriedades voltadas para o plantio de cana-de-açúcar, pelo fato do Brasil ser na época um fornecedor de produtos tropicais no mercado internacional.⁴

Com o passar do tempo, mais precisamente a partir da década de 1840, São João do Rio Claro enfrentou decisivas mudanças. Em 1845, a localidade passou a condição de vila e em 30 de abril de 1857 tornou-se cidade. E é justamente na década de 1850 que o café começou a ganhar destaque no município, substituindo a cana-de-açúcar como cultivo principal. De acordo com Prado Júnior,⁵ no momento em que os países europeus e os Estados Unidos começaram a extrair o açúcar da beterraba, instalou-se uma crise geral nos países que produziam o açúcar oriundo da cana, entre eles o Brasil. Tanto os países europeus quanto os EUA, que eram até então os grandes consumidores do açúcar proveniente dos trópicos americanos, transformaram-se, com a utilização da beterraba, em produtores. Por outro lado, a libertação e o desenvolvimento do mercado norte-americano foram fundamentais para estimular a produção de outra *commodity* aqui no Brasil: o café. Os EUA, que eram grandes consumidores deste produto, deram preferência para novos produtores que fossem mais livres da dominação britânica. Com isso, o Brasil foi favorecido, ainda mais pela sua posição geográfica, clima e solo.⁶

O cultivo do café penetrou no Estado de São Paulo pela região do Vale do Paraíba em meados de 1790. A partir dos anos 1850, o cultivo se expandiu para o Oeste Paulista, sendo que nesse período, Rio Claro constituía-se no último limite rentável da cultura. Consta que de 1790 a 1847, predominou nas fazendas de café o trabalho escravo; de 1847 a 1888 registram-se experiências mistas de trabalho escravo com

⁴ SANTOS, F. A. **Rio Claro: uma cidade em transformação, 1850-1906**. São Paulo: Annablume, 2002.

⁵ PRADO JÚNIOR, C. P. **História econômica do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

⁶ Ibid.

trabalho não escravo, devido à chegada dos primeiros imigrantes europeus; e a partir de 1888 consolidou-se o trabalho livre.⁷

Ao tomar como marco a transição iniciada em 1847, é possível verificar que esta mudança possui relações profundas com a conjuntura internacional da época. Após a primeira fase da industrialização britânica baseada nos têxteis chegar ao seu limite, os ingleses concentraram suas atenções em um industrialismo capaz de gerar uma maior acumulação de capitais, ou seja, baseado no carvão e no ferro.⁸ Com o advento da “era da construção ferroviária”, a Inglaterra buscava ampliar seu mercado consumidor e a escravidão era uma barreira para tal objetivo. Desta forma, após muito pressionar, os ingleses decretaram, em 1850, a abolição do tráfico internacional de escravos e os fazendeiros paulistas tiveram que buscar novas alternativas para solucionar a “falta de braços” nos cafezais.⁹

E foi a partir de 1850 que o Brasil, já inserido no mundo capitalista, assumiu a posição de principal produtor de café no mercado internacional. O país se tornou um importante mercado de investimentos, atraindo várias atividades ligadas à exportação da *commodity* (bancos, companhia de navegação, ferrovias, dentre outras).¹⁰ De acordo com Almeida,¹¹ a construção da ferrovia *São Paulo Railway*, de Santos à Jundiá, consolidou a cidade de São Paulo como capital econômica e política do café, fazendo desta localidade uma intermediária natural entre a riqueza gerada pelo café no Oeste Paulista e o porto de Santos.

Tanto Odalia e Caldeira¹² quanto Almeida¹³ constatam que os barões do café, ao instalarem-se na capital, assumiram o controle do aparelho do Estado e consumou-se

⁷ ODALIA, N.; CALDEIRA, J. R. C. **História do Estado de São Paulo/A formação da unidade paulista**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

⁸ HOBBSBAWN, E. J. **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

⁹ ODALIA, N.; CALDEIRA, J. R. C. **História do Estado de São Paulo/A formação da unidade paulista**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

¹⁰ Ibid.

¹¹ ALMEIDA, M. A. B. **Análise sociológica do processo de desenvolvimento dos principais clubes de futebol do Estado de São Paulo no final do século XIX e começo do século XX**: influência da urbanização, ferrovias e Rio Tietê. 2013. 230f. Tese (Livres Docência) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, USP, São Paulo, 2013.

¹² ODALIA, N.; CALDEIRA, J. R. C. **História do Estado de São Paulo/A formação da unidade paulista**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

¹³ ALMEIDA, M. A. B. **Análise sociológica do processo de desenvolvimento dos principais clubes de futebol do Estado de São Paulo no final do século XIX e começo do século XX**: influência da

neste local a centralização econômica. A partir dos lucros obtidos através do complexo cafeeiro, esses grandes produtores diversificaram seus investimentos e a metrópole emergente começou a se modernizar com a expansão de indústrias, atividades urbanas e serviços de utilidade pública. Somado a isto, tem-se ainda os prolongamentos da malha ferroviária pelo Oeste Paulista.

Devido à efervescência política e econômica, aliada à crise do regime escravista que se pronunciava, o Estado de São Paulo passou a receber um grande contingente de imigrantes europeus que vinham para se estabelecer no cenário urbano-industrial da capital ou para servir de mão-de-obra nos cafezais do Oeste Paulista. Aproveitando-se da extensão das linhas férreas, possibilitou-se um deslocamento mais rápido e em maiores quantidades desses estrangeiros.

No caso de Rio Claro, conforme aponta Tonini,¹⁴ os trilhos da Companhia Paulista alcançaram a cidade em 1876 e esta assumiu a condição de “ponta de trilho”. Em poucos anos, a capacidade de concentração de riquezas na região aumentou e alguns fazendeiros decidiram construir uma nova companhia ferroviária, a Companhia Rio Claro de Estradas de Ferro, com o intuito de criar novas conexões a partir de Rio Claro. A Companhia Rio Claro começou a assentar os trilhos em 1881, chegando a São Carlos em 1884 e a Araraquara em 1885. Em 1889 a companhia foi adquirida por investidores ingleses e esta foi renomeada *The Rio Claro São Paulo Railway Company*. E em 1892 foi a vez da Companhia Paulista comprar a empresa inglesa, assumindo o controle sobre os prolongamentos ferroviários que saíam de Rio Claro. A cidade deixou de ser “ponta de trilho” e tornou-se cidade “intermediária”, confirmando sua posição de destaque na rede ferroviária do Estado.

Nesse mesmo ano, foram fundadas as oficinas da Companhia Paulista em Rio Claro. Com o objetivo de servirem como base de suporte técnico para as locomotivas e vagões que passavam pela região, tais oficinas foram responsáveis pela grande

urbanização, ferrovias e Rio Tietê. 2013. 230f. Tese (Livre Docência) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, USP, São Paulo, 2013.

¹⁴ TONINI, M. D. **Ferrovias e futebol: o caso da Companhia Paulista de Estradas de Ferro na cidade de Rio Claro, 1870-1930.** 2006. 76f. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2006.

concentração de ferroviários na cidade, impulsionando ainda mais o desenvolvimento econômico local devido à ampliação da oferta de bens e serviços como um todo.¹⁵

Consolidado o seu caráter “ferrovista” e inserida efetivamente no complexo cafeeiro, Rio Claro atraía mais e mais “forasteiros”. Aos poucos a cidade foi se deparando com o desenvolvimento dos processos de urbanização e industrialização, e com o fortalecimento do mercado interno.¹⁶ Os principais capitalistas da região seguiram os moldes da burguesia cafeeira que se consolidou em São Paulo e também se voltaram para a contratação de imigrantes europeus. Dentre estes, Dean¹⁷ aponta os alemães como o primeiro grupo mais representativo da importação de braços destinados às lavouras. Eram, em geral, agricultores ou pequenos artesãos rurais provenientes do sudoeste germânico e que viram na emigração uma alternativa ao colapso da produção de batatas e à proletarização em curso no país de origem.

Muitos vinham para servir de mão de obra, fosse a especializada para administrar e dirigir a própria ferrovia, o que atraiu a vinda de ingleses para a cidade, fosse a braçal e operária para trabalhar nas lavouras cafeeiras e na construção dos trilhos, o que explica a vinda em massa de migrantes de outras regiões brasileiras, mas, principalmente, de imigrantes europeus (...) para a região rio-clarense.¹⁸

FUTEBOL ELITISTA *VERSUS* FUTEBOL POPULAR: DA INGLATERRA PARA A CIDADE DE SÃO PAULO

Antes de analisar a origem e a proliferação do futebol na cidade de Rio Claro, julgou-se importante contextualizar a entrada desta prática cultural de origem inglesa no território nacional, bem como identificar as relações sociais, culturais, políticas e econômicas das quais ela veio acompanhada.

¹⁵ TONINI, M. D. **Ferrovia e futebol:** o caso da Companhia Paulista de Estradas de Ferro na cidade de Rio Claro, 1870-1930. 2006. 76f. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2006.

¹⁶ TONINI, M. D. Nos trilhos da bola: a relação entre ferrovia e futebol na cidade de Rio Claro. In: SOTERO, J. R.; CAMPOS, M. T. A. (orgs.). **Futebol Amador e Varzeano em Rio Claro**. Rio Claro: Panda Pix, 2014, p. 380-385.

¹⁷ DEAN, W. **Rio Claro:** um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

¹⁸ TONINI, M. D. Nos trilhos da bola: a relação entre ferrovia e futebol na cidade de Rio Claro. In: SOTERO, J. R.; CAMPOS, M. T. A. (orgs.). **Futebol Amador e Varzeano em Rio Claro**. Rio Claro: Panda Pix, 2014, p. 380-385.

Franco Júnior¹⁹ considera que o predomínio político, econômico e cultural inglês iniciou-se a partir de 18 de junho de 1815 com a vitória sobre o imperialismo napoleônico na batalha de Waterloo. Para que um pequeno país até então como a Inglaterra se tornasse uma potência mundial, seria imprescindível a formação do caráter de suas elites. Logo, entre 1820 e 1900, valorizou-se o “cristianismo atlético”, uma concepção pedagógica voltada para desenvolver a fibra moral da elite britânica destinada a governar regiões longínquas e com povos pouco civilizados.

A partir de então, a difusão do futebol seguiu a lógica da influência cultural inglesa: primeiramente nas ilhas britânicas, em seguida na Europa germânica, em terceiro lugar na Europa latina, e por fim na América Latina.²⁰

Na Inglaterra, o futebol foi praticado, a princípio, por indivíduos da classe média alta. Porém, não tardou para que este esporte ganhasse o interior do país, atraindo a classe média baixa e o operariado. Surgiram assim, na década de 1870, clubes de empresas siderúrgicas, ferroviárias e armamentistas, e no início da década seguinte, o futebol também passou a ser praticado nas escolas públicas.²¹

Mascarenhas²² observa que entre o fim do século XIX e início do século XX, com exceção dos anos da Primeira Guerra Mundial, os ingleses dominaram o comércio exterior brasileiro. A presença constante nos portos, além da implantação das ferrovias e de diversos outros equipamentos em nosso território, proporcionou o contato com várias práticas socioculturais inglesas, entre elas o futebol. O autor assegura que a partir da formação das primeiras agremiações estrangeiras, surgiram gradativamente os primeiros clubes nativos, quase sempre com a finalidade de desafiar os times ingleses. Contudo, deve-se destacar que a prática do futebol também se desenvolveu em localidades que não atraíram investimentos ingleses. Estabeleceram-se no território brasileiro outras redes internacionais, muitas vezes atingindo lugares remotos. Uma delas era a congregação católica marista e suas unidades educacionais. Como esta instituição

¹⁹ FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses: Futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

²⁰ Ibid.

²¹ Ibid.

²² MASCARENHAS, G. **Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

adotava a prática esportiva em sua pedagogia, houve a possibilidade de que muitas cidades (inclusive de menor porte) entrassem em contato com o referido esporte.²³

Apesar da vasta extensão territorial do Brasil e da pluralidade de portas de entrada do futebol no país, Mascarenhas²⁴ identifica a cidade de São Paulo como a “locomotiva nacional” desta modalidade. A capital paulista vivia um intenso processo de modernização a partir da segunda metade do século XIX sob o impulso do binômio ferrovia-cafeicultura. A “metrópole do café” atraía volumosos investimentos estrangeiros e eram muitos os estabelecimentos e colégios ingleses na cidade. Conseqüentemente, estes reproduziam o esporte que estava tão na moda em sua terra natal: o futebol. Segundo Franco Júnior,²⁵ por décadas os britânicos consideraram o futebol como um jogo exclusivamente deles. Espalhados pelo mundo, os ingleses procuravam jogá-lo apenas entre si, resistindo à participação dos nativos. Porém, estes últimos, passaram a imitar aquela prática esportiva espontaneamente.

Franco Júnior²⁶ constata que o processo histórico de multiplicação de clubes e times de futebol pelo país, especialmente na cidade de São Paulo, seguiu em geral algumas tendências. Inicialmente, teve-se a formação de equipes no seio dos grupos mais abastados, voltadas exclusivamente para a prática do futebol e orientadas pelos ideais do cavalheirismo, fairplay e amadorismo, bem como a introdução de equipes de futebol em clubes que se dedicavam até então a outras modalidades esportivas. Isto se deu por meio da iniciativa de jovens estudantes que eram membros de associações atléticas ligadas a seus estabelecimentos de ensino ou através de estudantes que buscaram criar clubes de maneira independente.

O futebol tornara-se um novo item da modernidade europeia que não podia faltar aos anseios da atualização da elite brasileira e que devia por isso ser praticado por pessoas de igual condição social e racial (...).²⁷

Todavia, mesmo com a existência dessa lógica elitista, não se impediu que as fronteiras do “intocável” amadorismo fossem ultrapassadas pelos interesses das

²³ MASCARENHAS, G. **Entradas e Bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

²⁴ Ibid.

²⁵ FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses**: Futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

²⁶ Ibid.

²⁷ Ibid., p. 63.

camadas médias e populares. Pequenos comerciantes, operários e artesãos, desprovidos de equipamentos adequados e jogando nos subúrbios com bolas desgastadas, improvisavam seus times através do “futebol popular”.

Somada a estas tendências, Mascarenhas²⁸ retrata a emersão de clubes associados a empresas, os quais recrutavam operários para seus times. Com o processo de industrialização em curso, as classes empresariais buscaram na popularização do futebol, uma alternativa para frear a ascensão dos movimentos sindicais.²⁹ Os operários que se destacavam como atletas, passavam a deter alguns privilégios, chegando até a diminuir a carga de atividades para as quais haviam sido contratados e dedicando-se mais ao clube de sua empresa. Como exemplo, cita-se o caso do Juventus-SP.

Por fim, tem-se a formação de clubes cujo embrião remete à constituição das colônias de imigrantes europeus na região Centro-Sul, período esse em que havia a preocupação da elite brasileira com o branqueamento da sociedade local (Guarani-SP, Palestra Itália-SP, entre outros).

A COMPANHIA PAULISTA E O GRÊMIO: A REPRODUÇÃO DO CONTROLE DE CLASSE EM RIO CLARO

De acordo com Mascarenhas,³⁰ entre o final do século XIX e começo do século XX, o emergente processo de industrialização no Brasil, sobretudo na cidade de São Paulo, possibilitou a formação da classe operária, atraindo habitantes oriundos do interior do país e, principalmente, imigrantes europeus. Montañó e Duriguetto³¹ destacam que a vinda de operários europeus foi de suma importância para a mobilização e organização dos trabalhadores locais enquanto segmento social. Segundo os autores, muitos destes imigrantes já haviam participado de lutas pela causa operária em seus

²⁸ MASCARENHAS, G. **Entradas e Bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

²⁹ Fausto (1986) nos lembra, por exemplo, que entre os anos de 1905 e 1908, houve a formação da Federação Operária de São Paulo, a realização do Primeiro Congresso Operário, a ocorrência de greves em Santos, a greve ferroviária da Companhia Paulista, a greve generalizada de maio de 1907 em São Paulo e a paralisação dos sapateiros no Rio de Janeiro em 1906.

³⁰ MASCARENHAS, G. **Entradas e Bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

³¹ MONTAÑO, C.; DURIGUETTO, M. L. **Estado, Classe e Movimento Social**. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

países de origem e, por isso, mostravam-se adeptos de ideias anarquistas e/ou comunistas.

Como o sistema industrial do Brasil começava a ganhar corpo, os trabalhadores europeus que optavam pela emigração, almejavam se tornar proprietários de pequenas oficinas em nosso país ou até mesmo fixar-se nas oportunidades industriais oferecidas pelas cidades. No entanto, como demonstra Fausto,³² nem toda a massa de imigrantes teve suas aspirações iniciais atendidas e muitos foram tratados pela classe dominante e pelo Estado mais como “força produtiva pura” do que propriamente cidadãos. A partir de então, os primeiros movimentos reivindicatórios ganharam impulso e os operários imigrantes europeus influenciaram as concepções políticas e ideológicas dos trabalhadores brasileiros.

Dessa forma, o empresariado fabril nacional, mostrando-se cada vez mais preocupado com a ascensão das mobilizações operárias, adotou um caráter paternalista e concentrou-se na busca de instrumentos que viessem a controlar as camadas populares. O crescente interesse dos operários pelo futebol fez com que a classe empresarial visualizasse nesse esporte a presença de importantes elementos que também eram comuns à organização burocrática da fábrica: ênfase na velocidade; especialização nas tarefas (habilidades); obediência às regras; submissão ao cronômetro; e trabalho em equipe.³³

A partir disso, a classe empresarial intensificou o processo de criação dos “times de fábrica”. O operário vestia a camisa da empresa e disputava campeonatos com operários de outras fábricas, deslocando, desta forma, o embate de classes para confrontos no seio da própria classe trabalhadora.

Nesse contexto, ciente da atmosfera industrial que se constituía em São Paulo, a Companhia Paulista não fugiu a regra e também se espelhou nos pressupostos do paternalismo para tomar algumas decisões que vieram a causar impactos nos hábitos dos ferroviários em Rio Claro.³⁴ Assim como ocorrido na metrópole, tais decisões foram estabelecidas à medida que a união das ideias e ideologias dos migrantes nacionais e

³² FAUSTO, B. **Trabalho urbano e conflito social**. 4. ed. São Paulo: Difel, 1986.

³³ MASCARENHAS, G. **Entradas e Bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014.

³⁴ TENCA, A. **Senhores dos trilhos**: racionalização, trabalho e tempo livre nas narrativas de ex-alunos do Curso de Ferroviários da Antiga Paulista. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

imigrantes europeus que se fixaram na cidade, foi criando raízes para a ascensão de um movimento operário local, o qual resultou em 1905 na constituição da Liga Operária.³⁵

Desta forma, visto que a vida cultural e social na cidade ainda era incipiente, e buscando evitar que os ferroviários usufríssem de seus momentos de lazer para aproximarem-se dos movimentos operários em formação, a Companhia Paulista passou a interferir não só no tempo de trabalho de seus funcionários, mas também em seu tempo livre. Como resultado, em 1896 foi fundado o Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, e assim estabeleceu-se o clube dos ferroviários com a finalidade de proporcionar aos associados, festivais de música, dança e arte, e difundir a prática de esportes amadores em geral. Os sócios fundadores do Grêmio foram os senhores: Cristiano Leonardo Sobrinho, Adão Gray, James Férmie, Primo Rivera, João Timoni, Júlio Marasca e Matthew Busch. Com exceção de Timoni e Marasca que eram empresários, todos os outros ocupavam altos cargos na Companhia Paulista, sendo que alguns eram descendentes de britânicos.³⁶

Para Tonini,³⁷ o controle de classe estabelecido através do lazer e, principalmente, através do futebol, não se limitou à cidade de São Paulo e também se reproduziu em Rio Claro. A Companhia Paulista enxergou na criação do Grêmio a possibilidade de desenvolver mecanismos para controlar seus funcionários além dos muros da empresa. Desde o início, o estatuto do clube deixava claro que seus associados estavam proibidos de promover e/ou participar de manifestações de caráter político ou religioso. A empresa penetrava no tempo livre dos ferroviários, direcionando seus modos de vida, e estes dificilmente iriam mobilizar a própria classe contra a empresa ou participar efetivamente de sindicatos ou de ligas operárias.

Entretanto, esse caráter paternalista da Companhia Paulista, tentando passar a impressão de que a empresa preocupava-se em harmonizar a relação entre a direção e os demais trabalhadores, não caiu no gosto de todos os operários. A obrigatoriedade de adesão dos ferroviários ao Grêmio Recreativo e a constante exploração destes, foram os principais motivos que os levaram a paralisarem suas atividades tanto em setembro de

³⁵ SANTOS, F. A. **Rio Claro: uma cidade em transformação, 1850-1906.** São Paulo: Annablume, 2002.

³⁶ Matthew Busch era inglês de origem e foi por anos gerente das oficinas da empresa em Rio Claro, enquanto James Férmie era natural da Escócia.

³⁷ TONINI, M. D. **Ferrovias e futebol: o caso da Companhia Paulista de Estradas de Ferro na cidade de Rio Claro, 1870-1930.** 2006. 76f. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2006.

1901 quanto no dia 16 de maio de 1906. Em virtude disto, o autor atesta que a Companhia Paulista não se calou e buscou dar uma resposta aos movimentos: funcionários foram demitidos; trabalhadores foram presos ilegalmente e enviados clandestinamente para São Paulo; a cavalaria, oriunda da capital do Estado, desembarcou na cidade e aumentou a repressão policial; e panfletos anônimos e notícias falsas foram reproduzidos para desmobilizar os grevistas, numa tentativa clara de transformá-los em “agitadores” perante os olhos da população. Devido à persistência da forte repressão policial, as greves dos ferroviários perderam força.³⁸

DA ORIGEM À PROFISSIONALIZAÇÃO DO RIO CLARO FUTEBOL CLUBE

Segundo Tonini,³⁹ diferentes equipes de futebol surgiram em Rio Claro no início do século XX: Anhangás Foot-Ball Club, Corinthians Futebol Clube, Cidade Nova Futebol Clube, entre outras. Como foram provenientes de iniciativas de operários que não ocupavam as melhores posições na Companhia Paulista, encontraram barreiras para alcançar maior projeção. Ferraz⁴⁰ salienta que a própria imprensa local, reproduzindo o que era feito pelos meios de comunicação da capital paulista, denegria a imagem do futebol da classe subalterna. Este era visto como “grosseiro”, “selvagem” e os seus jogadores eram taxados de “canelas negras”.

Todavia, assim como demonstram Arnosti, Pauletto e Silva,⁴¹ a partir de 9 de maio de 1909, o futebol local viria a conquistar maior visibilidade dentro do Estado. Em uma reunião realizada próxima a estação ferroviária, Joaquim Arnold (professor), Bento Estevam de Siqueira, Constantino Carrocine e João Lambach (ferroviários do alto escalão da Companhia Paulista) decidiram fundar o Rio Claro Foot-Ball Club, cujo nome foi aporuguesado posteriormente para Rio Claro Futebol Clube. De acordo com os autores, além de exercerem profissões de prestígio, os quatro fundadores também

³⁸ SANTOS, F. A. **Rio Claro: uma cidade em transformação, 1850-1906**. São Paulo: Annablume, 2002.

³⁹ TONINI, M. D. **Ferrovias e futebol: o caso da Companhia Paulista de Estradas de Ferro na cidade de Rio Claro, 1870-1930**. 2006. 76f. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2006.

⁴⁰ FERRAZ, J. R. **História do Rio Claro (a sua vida, os seus costumes e os seus homens) – 1821 – 1827 – 1922**. São Paulo: Typographia Hennies Irmãos, 1922.

⁴¹ ARNOSTI, J. C.; PAULETTO, N.; SILVA, K. M. S. **Rio Claro FC: um século de paixão**. Rio Claro: Memorial do Rio Claro F. C., 2009.

eram praticantes do futebol. Joaquim Arnold, por exemplo, foi campeão paulista em 1906 pelo Germânia, time da elite de São Paulo que era composto por imigrantes alemães e descendentes.

Pode-se dizer que a origem do Rio Claro F. C. insere-se em um contexto em que a elite local (assim como a elite paulistana) buscava conter os ânimos da classe operária. Ferraz⁴² realça que a imprensa da cidade, ciente que dessa vez os fundadores do clube pertenciam a um grupo social mais abastado, agiu de modo diferente e apoiou a iniciativa. No começo, o Rio Claro F. C. buscava realizar amistosos contra equipes de cidades em que havia conexão por meio da ferrovia, e assim o primeiro adversário do Rio Claro F. C. foi o Sport Club Caramurú, da vizinha cidade de Cordeirópolis. O *match* foi realizado em 23 de janeiro de 1910 em um campo no bairro Cidade Nova, próximo à linha férrea, e o Rio Claro F. C. venceu pelo placar de 2x0.

Imagem 1: Matérias do jornal O Alpha de 23 e 25 de janeiro de 1910, noticiando a primeira partida da história do Rio Claro F. C. e a consequente vitória do clube respectivamente



Jornal O Alpha. 23 e 25 de janeiro de 1910. Ano IX, n. 2586 e 2587. Rio Claro, São Paulo.

Em 29 de abril de 1914, pelo fato de muitos integrantes do Rio Claro F. C. serem ferroviários, estes solicitaram ao Grêmio a autorização para treinarem e jogarem no campo do “clube dos ferroviários”, e a associação não negou o pedido. Naquele momento, o senhor Adão Gray, engenheiro chefe das oficinas da Companhia Paulista e primeiro presidente do Grêmio, também assumiu o cargo de presidente do Rio Claro

⁴² FERRAZ, J. R. *História do Rio Claro (a sua vida, os seus costumes e os seus homens)* – 1821 – 1827 – 1922. São Paulo: Typographia Hennies Irmãos, 1922.

Futebol Clube. Aliás, cumpre destacar que a maioria dos diretores do Grêmio fazia parte simultaneamente da diretoria do Rio Claro F. C..⁴⁴

Como se vê, o Rio Claro F. C. era uma espécie de extensão do Grêmio, como se esta agremiação fosse para o “clube dos ferroviários” o seu representante no futebol. A equipe do Rio Claro F. C. era a única da cidade que tinha passe livre da ferrovia para viajar a outros municípios, enquanto as outras tinham de pagar pelo traslado ferroviário. Os dirigentes da ferrovia ajudavam na compra do material esportivo e até liberavam os ferroviários de alguns de seus serviços nas oficinas para jogarem as partidas de futebol. Segundo Tonini,⁴⁵ isso se explica pelo fato de que a Companhia Paulista, inserida no quadro paternalista do funcionamento industrial, tinha a intenção de criar nos ferroviários um sentimento de orgulho para com a empresa, reduzindo assim, os conflitos no local de trabalho.

Isso posto, Arnosti, Pauletto e Silva⁴⁶ descrevem que a estreia do Rio Claro F. C. no campo do Grêmio se deu em 16 de agosto de 1914, em amistoso contra o Esporte Clube XV de Novembro de Piracicaba. Já no ano seguinte, pela primeira vez o Rio Claro F. C. participou de um campeonato oficial organizado pela Liga Oeste do Estado de São Paulo. Desta forma, à medida que se consolidava como um dos principais clubes do interior, o Rio Claro F. C. começou a disputar jogos não só contra as principais equipes do futebol paulista e brasileiro, mas também contra equipes internacionais. Ao consultar Franco Júnior,⁴⁷ nota-se que o Rio Claro F. C. seguiu o exemplo do que ocorrera em 1914, quando um combinado Rio-São Paulo enfrentou os ingleses do Exeter City, no Rio de Janeiro, naquele que é considerado o primeiro jogo da seleção brasileira. De acordo com o autor, o estímulo para os embates com equipes estrangeiras atrela-se à política oligárquica da época, a qual visava criar em todos os setores sociais do país, certa dose de sentimento de unidade para amenizar as fortes desigualdades e divergências sociais até então existentes. Tal lógica também se reproduziu no interior do

⁴⁴ ARNOSTI, J. C.; PAULETTO, N.; SILVA, K. M. S. Rio Claro FC: um século de paixão. Rio Claro: Memorial do Rio Claro F. C., 2009.

⁴⁵ TONINI, M. D. **Ferrovia e futebol:** o caso da Companhia Paulista de Estradas de Ferro na cidade de Rio Claro, 1870-1930. 2006. 76f. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2006.

⁴⁶ ARNOSTI, J. C.; PAULETTO, N.; SILVA, K. M. S. **Rio Claro FC:** um século de paixão. Rio Claro: Memorial do Rio Claro F. C., 2009.

⁴⁷ FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses:** Futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Estado de São Paulo, sendo que na década de 1920, o Rio Claro F. C. realizou partidas contra o *Amateurs*, da Argentina, Peñarol, do Uruguai, e contra um time de marinheiros ingleses do navio H. M. S Capetown.

Imagem 2: Equipe de marinheiros ingleses do navio H. M. S Capetown que enfrentou o Rio Claro F. C. no campo do Grêmio Recreativo da Companhia Paulista de Estradas de Ferro



Fonte: Arquivo pessoal de José Carlos Arnosti

Na sequência deste período, tem-se no país um forte momento de instabilidade política. A política do café com leite (alternância de paulistas e mineiros no poder), bem como a situação econômica do pós-guerra serviram como combustível para o acirramento das críticas ao governo e das rivalidades regionais, e conseqüentemente para a ocorrência do Golpe de 1930, que ocasionou na remoção da oligarquia paulista do centro do poder. Deste modo, pautado pelas perspectivas de modernização e industrialização, Getúlio Vargas buscou atenuar as desavenças político-sociais existentes no território. Inspirado nas propostas do regime de regulação social denominado *Welfare State* (Estado de Bem-Estar Social),⁴⁹ criado nos EUA para inibir os efeitos da crise de 1929 e da Revolução Soviética, Vargas implementou a regulamentação do salário mínimo e uma série de outros direitos civis e trabalhistas por meio da Constituição de 1934. Além da ampliação da participação das camadas subalternas urbanas no plano político nacional, Vargas também estimulou a inserção cada vez maior de tais classes no universo do futebol, transformando esta modalidade em um dos principais sustentáculos do processo de construção da nacionalidade brasileira. O presidente pronunciava-se fervorosamente, estabelecendo vínculos consagrados entre o futebol e a pátria, e fazendo desse esporte a verdadeira paixão nacional. Franco Júnior⁵⁰ ainda acrescenta que essa transição política caminhou ao lado

⁴⁹ MONTAÑO, C.; DURIGUETTO, M. L. **Estado, Classe e Movimento Social**. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

do avanço do profissionalismo, uma vez que o futebol passou a ser cada vez mais reconhecido como um eficiente meio de mobilização das massas.

Visto que o futebol ganhava maiores proporções no cenário esportivo brasileiro, os diretores do Rio Claro F. C. decidiram construir um novo estádio, almejando um grande futuro para o clube. Tal como aponta Mascarenhas,⁵¹ essa expansão do futebol em escala nacional exigiu de nossas cidades, novos espaços. E em Rio Claro não foi diferente. Foi por intermédio, principalmente, do senhor Francisco Penteadó Júnior, membro de tradicional família rioclarense e presidente do clube na época, que o Rio Claro F. C. conseguiu seu moderno estádio, construído em 1931 em estilo inglês, na rua 7 com a avenida 10. E foi justamente nessa década, que o Rio Claro F. C. começou a exibir os primeiros indícios de que a agremiação também estava se enquadrando no processo nacional de alargamento da base social do futebol tal como pronunciado por Getúlio Vargas. Especificamente em 1937, a equipe (formada só por jogadores brancos) disputou uma partida em seu estádio contra um selecionado de negros do interior paulista, cujo evento constituía-se em uma homenagem ao decatleta rioclarense João Rehder Neto, até então o maior destaque do Brasil na modalidade nos X Jogos Sul Americanos de Atletismo.

Imagem 3: Partida disputada entre o Rio Claro F. C. e a seleção de negros do interior paulista em 1937 na cidade de Rio Claro



Fonte: Arquivo pessoal de José Carlos Arnosti

Na sequência desses acontecimentos, evidenciado seu crescimento e aproveitando-se da emersão da década de 1940 que coroou a popularização do futebol com a inauguração do estádio do Pacaembú, em São Paulo, o Rio Claro F. C. seguiu a

⁵⁰ FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses**: Futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁵¹ MASCARENHAS, G. **Entradas e Bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

tendência que se reproduzia em nosso país e se profissionalizou em 1948, comunicando sua adesão à Federação Paulista nessa categoria em 26 de janeiro do referido ano.

Verificou-se que entre o final do século XIX e início do século XX, a cidade de São Paulo recebeu alto volume de investimentos estrangeiros ligados ao setor ferroviário e a cafeicultura, e atraiu, principalmente, estabelecimentos e colégios oriundos da Inglaterra. A cidade deparou-se com um intenso processo de industrialização e modernização, e consolidou-se como centro irradiador do futebol.

Tal esporte, inicialmente praticado apenas pela classe social mais abastada, se popularizou rapidamente e penetrou no interior do estado de São Paulo. Os ferroviários da Companhia Paulista foram de suma importância para a disseminação desta modalidade na cidade de Rio Claro e para a fundação do Rio Claro Futebol Clube, sendo esta a primeira agremiação local a ingressar no profissionalismo.

Observou-se que a concepção de controle de classe, posta em prática pela burguesia industrial sobre os trabalhadores dentro das fábricas, não se limitou apenas a este espaço e também se estendeu até os campos de futebol. No Brasil, esse processo reproduziu-se de maneira intensa na cidade de São Paulo e, posteriormente, se propagou para outros lugares, abarcando, deste modo, a cidade de Rio Claro.

Nessa localidade, através da iniciativa de alguns ferroviários do alto escalão da Companhia Paulista, criou-se, primeiramente, no final do século XIX, o Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. O clube recém criado oferecia atividades de lazer e entretenimento aos operários da empresa, possibilitando aos seus dirigentes “monitorar” o tempo livre dos empregados para que os mesmos não se aproximassem dos movimentos emergentes de contestação da ordem vigente.

Ulteriormente, no início do século XX, constatou-se a continuidade de medidas visando conter os ânimos dos operários da Companhia Paulista fora da fábrica, assim como implementado por diversos industriais da cidade de São Paulo. Nesse sentido, em 1909, foi fundado o Rio Claro Futebol Clube, o qual passou a mandar seus jogos no campo do Grêmio já em 1914, devido aos estreitos e tradicionais laços que seus fundadores mantinham com os ferroviários.

Nos anos subsequentes, ao alcançar relativo destaque no cenário futebolístico, o Rio Claro F. C. expressava sua necessidade em jogar em um estádio de maior porte. E este veio a ser construído na década de 1930, momento em que o presidente Getúlio

Vargas buscava formar uma nação ordenada e disciplinada com o futebol. Também nos anos 1930, o clube foi afetado pelo movimento nacional de expansão da inclusão das classes subalternas urbanas na conjuntura política e no futebol como um todo. Procedente historicamente de uma ótica elitista, o Rio Claro F. C. exibiu uma certa “abertura”, disputando um desafio contra a seleção de negros do interior do Estado de São Paulo em 1937 e aderindo ao profissionalismo no fim dos anos 1940.

Conclui-se, portanto, que o Rio Claro F. C. representa um exemplo concreto de um clube de futebol que nasceu e se desenvolveu a partir dos trilhos da Companhia Paulista. Ao longo de sua história, o clube se manteve envolto pelas transformações sociais, culturais, políticas e econômicas vivenciadas pelo Brasil e, principalmente, pela cidade de São Paulo.

RECEBIDO EM: 31/03/2015

PARECER EM: 17/12/2015



www.revistafenix.pro.br